

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA APLICADA

O DINAMISMO DA INDÚSTRIA TEXTIL CEARENSE

- UMA ANÁLISE DE COMPLEXO INDUSTRIAL

ANA LUDMILA PORTELA CELESTINO

MONOGRAFIA EM GRADUAÇÃO

Sob orientação de

SANDRA MARIA SANTOS CARTAXO

FORTALEZA - 1992

Monografia aprovada em de de 1992

SANDRA MARIA SANTOS CARTAXO

Orientadora

MARIA CRISTINA PEREIRA DE MELO

ALMIR CAIADO FRAGA

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial, à minha orientadora, professora Sandra Maria Santos Cartaxo, pelo tempo dispensado à orientação deste trabalho, bem como pelas indicações e sugestões que tornaram possível a sua elaboração. Ao meu esposo, Roberto Carlos Mineiro Apolonio, pela sua valiosa colaboração no término deste estudo, e por todos os incentivos dados. Aos professores Almir Caiado Fraga e Maria Cristina Pereira de Melo, pela participação neste trabalho.

SUMÁRIO

- INTRODUÇÃO, 1

1. CAPÍTULO I - COMPLEXOS INDUSTRIAIS

1.1. Conceito, 3

1.2. Opções Metodológicas, 5

1.3. Os Complexos industriais na economia brasileira, 7

1.4. Os Complexos industriais na economia do Nordeste, 11

2. CAPÍTULO II - O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO CEARÁ

2.1. Antecedentes da industrialização cearense, 14

2.2. III Pólo Industrial e o Complexo Têxtil do Ceará, 18

3. CAPÍTULO III - O DINAMISMO DA INDÚSTRIA TEXTIL CEARENSE

3.1. A problemática do algodão para a indústria têxtil cearense, 22

3.2. Antecedentes históricos da indústria têxtil, 27

3.3. A importância de indústria têxtil para a economia cearense, 42

4. CONCLUSÃO, 51

5. BIBLIOGRAFIA, 53

INTRODUCAO

Este trabalho pretende estudar a indústria têxtil cearense, a partir de uma concepção teórica de complexos industriais, para tanto dividiu-se esta monografia em três capítulos. No primeiro capítulo discute-se a concepção de complexos industriais, procurando enfocar os aspectos conceituais básicos e apresentando os principais complexos industriais identificados no Brasil, a partir da análise da interdependência intersetorial. A seguir discute-se os complexos industriais localizados no Nordeste e Ceará dentro da perspectiva de programas de industrialização. Nesse contexto se evidencia o que constituiu um complexo têxtil.

No capítulo seguinte faz-se algumas considerações sobre o processo de industrialização do Ceará, pois o dinamismo atual da indústria têxtil está intimamente relacionado a este processo.

No processo de análise do complexo têxtil do Ceará, examina-se as principais políticas de apoio ao setor; com destaque para o III Pólo industrial do estado.

A seguir será analisado a evolução da indústria têxtil no estado, tecendo sua trajetória histórica. Enfocando a gestação e consolidação.

Inclui-se .nessa etapa do trabalho, alguns aspectos importantes da matéria prima básica - o algodão, que conforme se evidencia não acompanhou o dinamismo da indústria têxtil cearense.

Finalmente apresentam-se alguns indicadores básicos que mostram o crescimento dessa indústria do Estado, independente da situação de atraso observada na base de seu complexo.

1.1. CONCEITO

A noção de complexo industrial data da década de 20, nesta época havia uma preocupação com a distribuição espacial mais eficiente em torno das atividades produtivas.

A União Soviética foi a primeira a utilizar o termo complexo para se referir ao planejamento econômico das regiões do país. Outra importante contribuição para a formação da idéia de complexo industrial foi a de ISARD(50) - Industrial Complex Analysis and Regional Development. Cambridge, em que este surge como estratégia de desenvolvimento de regiões atrasadas. Sendo esta estratégia de caráter industrial, aliada a difusão dos efeitos da modernização da economia e da melhoria de níveis de renda e bem-estar da população. (BARBETTO, 1984)

Já na concepção mais moderna de complexo industrial, a sua identificação se dá através dos padrões de distribuição das atividades industriais, ou seja, o complexo industrial é caracterizado por um conjunto de indústrias que se articulam de forma direta ou indireta, a partir de relações significativas de compra e venda de mercadorias a serem posteriormente reincorporadas e transformadas no processo produtivo. (HAGUENAUER, 1984). É importante destacar que o processo de transformação industrial das matérias primas em sucessivos estágios é denominado de cadeia produtiva.

Na medida em que as matérias primas vão sofrendo transformações dentro de uma firma ou na indústria, tem-se a formação das cadeias produtivas. Estas podem ser interrompidas gerando mercadorias, que no mercado podem ser vendidas. Isto pode ocorrer ao nível de empresas que se interrelacionam entre si dentro de uma mesma indústria, ou o mercado articula diversas indústrias.

Nesse processo pode-se afirmar que a indústria representa a mediação entre os mercados em que compra e aquele que vende. Assim o mercado não apenas reconstrói a cadeia produtiva, mas o mercado também se articula com outras cadeias produtivas, que por sua vez desembocam no próprio mercado. Surge deste modo um espaço novo mais amplo que a indústria, mais amplo que a própria cadeia produtiva, que vem a representar o complexo industrial. (HAGUENAUER, 1984)

Entender complexos industriais do ponto de vista da articulação de várias cadeias produtivas, conduz a observação das relações interindustriais de compra e venda de mercadorias e leva a um sério questionamento sobre a delimitação dos complexos industriais.

Um dos pontos a ser observado é que o conceito de complexo industrial está estreitamente ligado à indústria de transformação, destacando aí, a produção de bens intermediários, uma vez que as relações de compra e venda são de natureza contínua.

Um problema que se coloca na delimitação dos complexos está associado à existência de determinadas etapas produtivas e, conseqüentemente, de determinadas indústrias que se articulam a um grande número de distintas cadeias produtivas, vale dizer, de produtos que subsequentemente incorporados em um número bastante elevado de diferentes processos produtivos. (HAGUENAUER, 1984).

1.2. Opções Metodológicas

Este tópico irá mostrar algumas das opções metodológicas encontradas em literatura especializada, que possibilitam analisar a questão dos complexos industriais, identificando-os a partir das relações significativas de compra e venda de mercadorias.

A primeira opção está relacionada com a quantificação concreta das relações entre as atividades produtivas, aí encontra-se um consenso entre os especialistas de que os dados básicos de referência sejam matrizes de relações intersetoriais (HAGUENAUER 1984). Assim a escolha da matriz irá depender do interesse de cada estudo.

Alguns estudos partem da matriz de coeficientes técnicos de Leontief, onde esta pode ser considerada como uma desagregação, por ramos industriais, das contas básicas de um sistema tradicional de Contabilidade Social. Esta técnica de desagregação atinge especialmente a conta de produção, ressaltando os fluxos de transações intermediárias entre os diferentes ramos de produção da

economia. Em sua forma usual a matriz registra todas as transações levadas a débito (compra de bens e serviços intermediários de outros ramos, mais valor agregado), e do lado do crédito (vendas, a outras empresas, a nível de transações intermediárias, mais vendas aos consumidores finais). Assim a matriz dá ênfase as transações intra e interindustriais, revelando as conexões estabelecidas para o processamento do produto (ETENE/BNB-1990).

Na literatura mais moderna, encontramos dois autores que se destacam nas discussões sobre os aspectos metodológicos dos complexos industriais, Mário Possas e Lia Haguenaue (ETENE/BNB-1990). O primeiro parte da matriz de impacto, a qual incorpora os efeitos de encadeamento inter-setorial e os efeitos aceleradores. Segundo Possas a escolha se fundamenta no plano teórico, pois explorando o conceito de complexos industriais sob a análise macroeconômica, chega-se a uma visão multissetorial. Para Haguenaue a matriz de impacto é inapropriada para delimitação de complexos industriais na medida em que as relações diretas, indiretas e induzidas não são diferenciadas, impossibilitando uma visão clara das etapas dessas ligações e dos caminhos através dos quais uma determinada atividade produtiva se relaciona com as outras.

Segundo HAGUENAUER (1984), os complexos industriais podem ser identificados empiricamente, a partir de análise de matrizes. O ponto de partida são as relações de interdependência medidas pela matriz de transações dos fluxos, em valores absolutos, das

compras e vendas correntes entre os setores produtivos num determinado ano.

Essa autora faz uma distinção entre as relações de compras significativas para os macro-complexos e posteriormente para os micro-complexos. Com referência aos macro-complexos os cortes ou limites são relativamente fáceis, e realizadas através do posicionamento dos setores base de complexos: agropecuária para o macro-complexo agroindustrial, extração de minerais metálicos para o complexo metal-mecânico, petróleo para o complexo químico e minerais não metálicos para o macro-complexo de construção civil, etc. Agora com referência aos micro complexos listam-se os principais clientes e fornecedores das várias atividades produtivas e realiza-se o corte quando as transações perfazem um mínimo de 50% das compras e das vendas intersetoriais.

1.3. Os complexos industriais na economia brasileira

Numa economia como a brasileira, de industrialização razoavelmente avançada, todas as indústrias se articulam entre si, de forma direta ou indireta. Deste modo, a delimitação de complexos industriais enquanto categoria relevante exige opções subjetivas como o grau de arbitrariedade na segmentação da indústria em complexos que só pode ser minimizado através de estudos mais profundos das várias indústrias com relação a aspectos como diversificação industrial a nível de empresas e de grupos econômicos, áreas de influências de empresas estatais ou

não, padrões de concorrência e processo de difusão de novas tecnologias, etc.

De acordo com HAGUENAUER (1984), foram identificados 6 macro-complexos desagregados em 17 micro-complexos, tomando-se como referência as relações significativas de compra e venda entre indústrias.

Os macro-complexos são:

Têxtil - calçados

Papel - Gráfica - Mobiliário

Agroindustrial

Construção Civil

Química

Metal - Mecânico

O enfoque básico será dado ao complexo têxtil, uma vez que é o segmento industrial têxtil que será analisado neste trabalho, torna-se de interesse examinar a composição deste complexo.

O macro-complexo têxtil é composto, por dois conjuntos de indústrias fisicamente articuladas entre si: têxtil, vestuário e calçados. (Ver gráfico I). Esta consideração deriva da forte correlação de seus

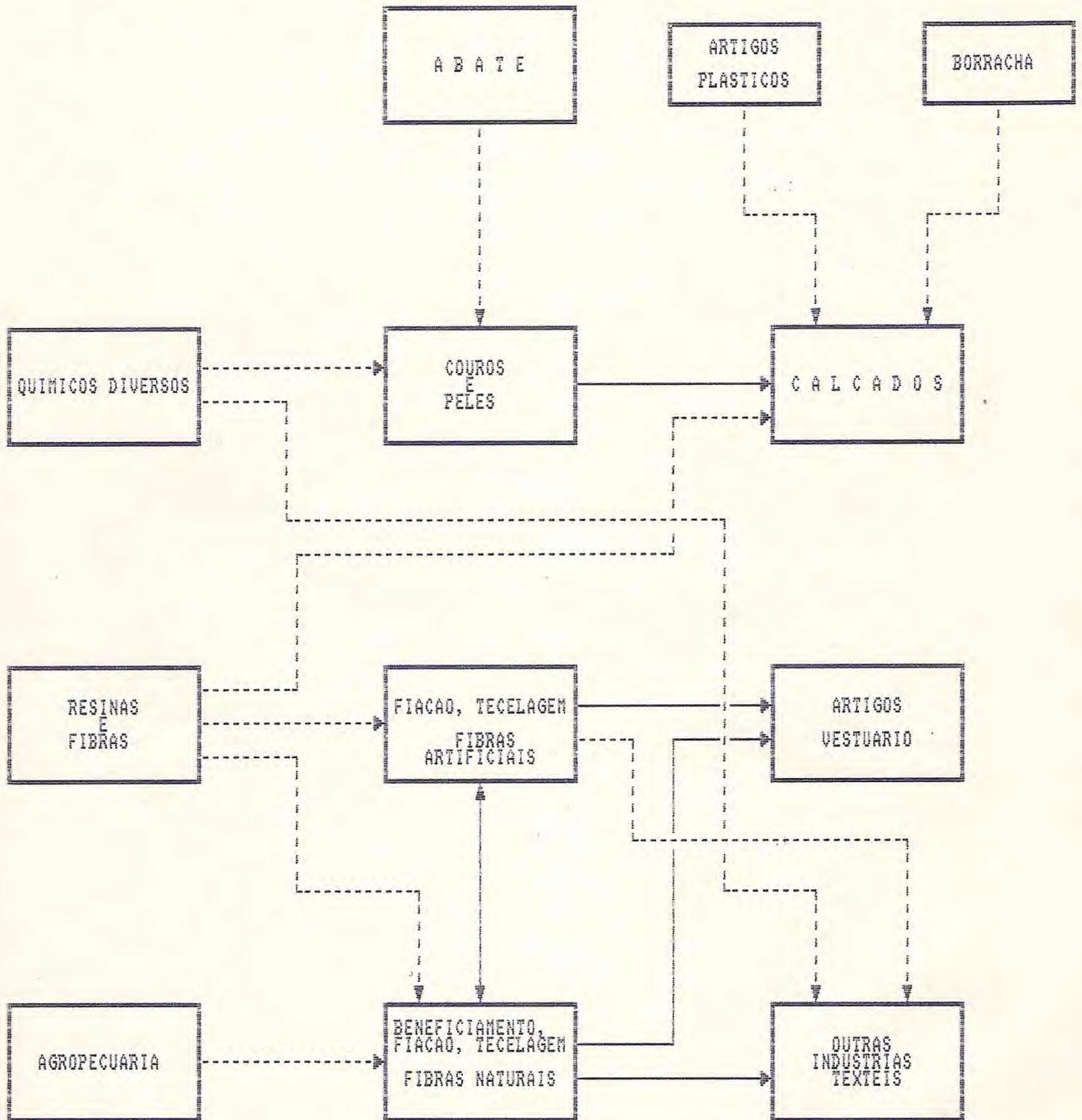
movimentos ao longo do tempo, seguido de determinantes comuns. Não só tem o mesmo destino, como a mesma função no consumo pessoal, além de possuírem ambos estruturas de mercado e de comercialização semelhantes, com uma grande diferenciação de produtos, tanto em qualidade como em marcas, aliada a um número muito expressivo de produtores. (ETENE/BNB-1990)

Já com referência aos micro-complexos (têxtil e vestuário) tem como insumos básicos matérias-primas produzidas fora do complexo, como: algodão e outras fibras têxteis naturais e fibras artificiais e sintéticas. Desta maneira, as indústrias de base do complexo, são: beneficiamento de têxteis naturais, fiapção e tecelagem de têxteis naturais, e fiapção e tecelagem de têxteis artificiais e sintéticos.

Vale salientar que este trabalho não enfocará a indústria de vestuário e calçados, o estudo se limitará ao micro-complexo de fiapção e tecelagem.

GRAFICO I

RELACAO COMPLEXO TEXTIL-CALCADOS NA ECONOMIA BRASILEIRA



FONTE: COMPLEXOS INDUSTRIAIS NA ECONOMIA NORDESTINA. ETENE - BNB / CEDEPLAR / IPEAD. JULHO DE 1990

1.4. Os complexos industriais na economia do nordeste

A análise anterior evidenciou o que são complexos industriais e procurou mostrar alguns aspectos que possibilitam identificá-los a partir de processos metodológicos.

Mas observa-se também a identificação de complexos dentro de outro contexto. Os complexos industriais podem ser vistos como instrumentos de promoção da industrialização e de desenvolvimento regional. Nessa perspectiva surgiram alguns critérios que levam à identificação dos complexos industriais:

- Servir a objetivos globais (ou nacionais), oriundos da própria dinâmica de expansão da região;
- Sua composição setorial ser orientada para a produção de bens intermediários, tais como: siderurgia e química;
- O tipo de produção e a tecnologia adotada determinar a instalação de grandes unidades, com alta intensidade de capital;
- Ter grande volume de investimentos em infra-estrutura econômica e social; e
- Produzir bens intermediários ou finais. (HAGUENAUER, 1984)

São identificados seis macro-complexos no Nordeste dentro desse contexto: Complexo petroquímico de Camagari (COPEC), Complexo Industrial Integrado de base de Sergipe (CIIB-SE), Pólo Cloroquímico de Alagoas (PCA), Complexo Industrial-Portuário de Suape (SUAPE), Complexo Químico-metalúrgico do Rio Grande do Norte (CQMRN), III Pólo Industrial do Nordeste (III Pólo).

Os complexos industriais do nordeste podem ser divididos em duas categorias: a primeira compreende os complexos mínero-químicos, composta pelo COPEC, CIIB-SE, PCA e CQMRN; e a segunda pelos pólos industriais, incluindo SUAPE e III Pólo.

A primeira categoria se enquadra como complexo industrial em razão das relações inter-industriais que existem entre as unidades que as compõem, pela sua localização e o estágio em que se encontram. Esta concepção está mais próxima das discussões conceituais anteriores deste trabalho.

Os dois últimos incluídos como complexos apresentam diferenças significativas da análise vista, não representam conseqüentemente a noção de complexos dentro da perspectiva de relações interindustriais.

Apesar do III Pólo industrial ser considerado como um complexo industrial, este representa um programa de industrialização proposta no plano de governo (II PLAMEG) do Estado do Ceará do período 1979-1982 e que a partir das vocações industriais do Estado, estabeleceu

ações integradas para o dinamismo do setor industrial, destacando-se entre os vários programas: o programa de desenvolvimento da indústria têxtil e de vestuário, baseando-se a análise deste trabalho na indústria têxtil.

Nas etapas seguintes tem-se uma breve análise do processo de industrialização do Ceará, em que se observa que a indústria têxtil faz parte de sua história, e se procurará a partir daí entender a evolução da indústria têxtil dentro da perspectiva das suas relações intersetoriais para trás e para frente na indústria cearense.

2.1. Antecedentes da industrialização cearense

Analisando-se o processo histórico da industrialização cearense se verifica duas fases bem distintas. A primeira etapa denominada de fase espontânea do processo de industrialização e a segunda corresponde a fase de uma ação efetiva de política de industrialização, que se inicia com a SUDENE e depois com a participação do Estado do Ceará. (ROCHA, 1989)

O primeiro surto de desenvolvimento econômico no Estado se deu com a chegada das boiadas no sertão nordestino, a atividade do pastoreiro se constituiu no marco principal de crescimento no século XVIII.

A pecuária além de representar importante papel no processo de formação social, estava ligada a primeira atividade de projeção do Estado: a preparação e comercialização da "carne do Ceará", que representou os primórdios da atividade industrial do Estado.

O rebanho cearense destinava-se ao consumo dos senhores de engenho em Recife. As longas viagens, do alto sertão ao litoral, e o difícil embarque das boiadas no "Porto das Barcas", na foz do Jaguaribe, levaram os boiadeiros a desenvolver um processo de preparação da carne em substituição à venda do boi vivo. Tal

processo consistia, primeiramente, na retalhação do boi em duas mantas formadas pelas carnes que cobrem o pescoço, as costelas e os flancos e seis postas, duas para cada traseiro e uma para cada dianteiro. Em seguida, toda carne era salgada e exposta ao sol. Depois de seca, era recolhida ao armazém de onde era despachada aos padrões dos navios. (SAMPAIO, FILHO, 1987)

O couro, depois de esticado em armações de varetas e seca ao sol, era trabalhado pelos artesões. O sebo lavado ressecado, e os ossos, transformados em cinzas, também eram aproveitados. As outras partes não tinham nenhum valor econômico." (SAMPAIO, FILHO, 1987)

As fábricas de carne eram galpões montados em estacas e cobertas de palha, também conhecidas como oficinas ou charqueadas.

O sucesso da "carne do Ceará" conduziu, em pouco tempo, o Estado a exportar o produto para a Bahia e o Rio de Janeiro. No entanto, a instabilidade climática, em que secas constantes alternavam com invernos desastadores, foi dizimando o rebanho e dificultando cada vez mais o fluxo das boiadas.

Com o fim do ciclo do gado, surge o ciclo do algodão. Dadas as condições favoráveis à sua cultura, o algodão se proliferou no sertão. O próximo momento importante na economia cearense seria o beneficiamento dessa matéria-prima.

No início a produção algodoeira cearense destinou-se apenas à fabricação de fios caseiros, redes de dormir e panos grossos, isto devido a legislação colonial que proibia o funcionamento de indústrias de tecidos no Brasil. Já por volta de 1777, o algodão deixou de ser considerados apenas matéria-prima para teares domésticos e se transformou no importante produto de exportação.

A cultura do algodão começou no início do século XIX e se fortaleceu através de um conjunto de fatos internacionais, como a guerra da independência (1812 - 1814) e a guerra de secessão (1860 - 1865) localizada nos Estados Unidos da América, que contribuíram para a sua expansão. Com o fim desta última guerra os Estados Unidos retornaram ao mercado internacional do algodão, deixando o Ceará em uma situação difícil. A saída para esta crise foi realocar a produção do algodão para o mercado interno, viabilizando o desenvolvimento da indústria têxtil no Estado.

Até o final da década de cinquenta, não havia nenhum programa no Estado para impulsionar as atividades têxteis. A criação do BNB em 1954 e a SUDENE em 1959 foram marcos importantes a nível do Nordeste, para possibilitar através de uma política global um processo de industrialização regional. Isto marca o segundo momento da industrialização cearense.

Através dos incentivos fiscais e financeiros como o sistema 34/18 a Sudene concedia estímulos em especial a projetos industriais. Este sistema de incentivos financeiros permitia às

peças jurídicas nacionais a dedução de 50% do Imposto de Renda e adicionais devidos, para fins de investimento em projetos industriais considerados de interesse para o desenvolvimento da região.

Mesmo com toda a atuação técnica da SUDENE aos projetos industriais beneficiados pelos incentivos fiscais, o Estado do Ceará tinha pouca participação no total desses incentivos, devido o poder de barganha de Estados como a Bahia e Pernambuco. Nesta época o governo estadual cria a CODEC - Companhia de Desenvolvimento do Ceará, afim de acelerar o processo de captação de projetos industriais para o Ceará. Assim a CODEC alia-se ao IPLAMEG - Plano de Metas do Governo Virgílio Távora (1963-66) visando atrair projetos industriais.

A CODEC desempenha um papel próximo ao da SUDENE, onde os técnicos trabalham exclusivamente para as possibilidades de industrialização do Estado. Esta situação ampliaria as oportunidades de investimentos industrial no Ceará. Assim a CODEC providenciou uma série de incentivos adicionais para motivar mais intensamente os potenciais investidores. O conjunto desses incentivos incluía a isenção de impostos durante cinco anos, para instalação de firmas no Estado; isenção de impostos durante dez anos, para as implantações de firmas localizadas em Fortaleza; adiantamento dos financiamentos concedidos pela SUDENE (que embora aprovados, usualmente apresentam demora na liberação); e participação acionária na empresa, chegando em casos especiais a

permitir que o investidor participasse com apenas 6,25% do previsto para o investimento total (SDARES, 1989).

Posteriormente unindo-se a preocupação por parte do governo federal em diminuir os desníveis regionais de desenvolvimento industrial e evitar assim a concentração industrial de algumas áreas, é concebido o III Pólo industrial do Nordeste, que irá permitir a consolidação de uma política de industrialização para o Estado.

2.2. III Pólo industrial e o complexo têxtil do Ceará

O III Pólo que data de 1979, se constituiu no plano de desenvolvimento industrial do Ceará, com o objetivo maior de tornar o Estado a terceira área industrial do nordeste. Deste modo o III Pólo enquadra-se antes, no conceito de pólo que no de complexo industrial.

Embora planejado para todo o Estado, o III Pólo propõe concentração da ação governamental em áreas consideradas mais aptas a responder ao estímulo do setor público: Fortaleza (com dois distritos industriais), Cariri (Juazeiro, Crato e Barbalha), Sobral, Quixadá e Iguatu.

O III Pólo é composto por 11 programas, que são:

- Programa de consolidação industrial;
- Programa de expansão e apoio à pequena e à média indústria;
- Programa de implantação do Pólo Metal-Mecânico;
- Programa de Desenvolvimento da Indústria têxtil e de vestuário;
- Programa de expansão da indústria Pesqueira;
- Programa de integração da indústria Coureira;
- Programa de Aproveitamento de novas oportunidades industriais;
- Programa de apoio à infra-estrutura;
- Programa de apoio tecnológico;
- Programa de Desenvolvimento de recursos humanos; e
- Programa de Promoção Industrial

A experiência de industrialização no Estado com a implantação do III Pólo apresentou aspectos bastante positivos, do ponto de vista do desenvolvimento regional. Observa-se também que ao lado de grandes projetos, houve também espaço para a implantação de pequenas e médias

empresas, lideradas por empresários locais e vinculados à economia regional.

Dentre os programas implementados pelo III Pólo, percebe-se que o programa de desenvolvimento da indústria têxtil e vestuário é o que mais se destaca, devido às condições favoráveis para a consolidação e a expansão da atividade têxtil, já que dispunham das melhores matérias primas e, ampla oferta de mão de obra, afora constituía-se como uma das atividades mais importantes e tradicionais de toda a área.

O clima do Ceará, responsável pela produção de algodão nobre (fibra longa, fina, alva, etc.), oferecia condições ideais para implantação parques têxteis. A estabilidade climática é fator importante no funcionamento de equipamentos têxteis, dispensando estações de manutenção de temperatura ambiente e densidade hidrográfica do ar, eliminando investimentos de manutenção de instalações para esse fim, que geralmente são caros e de difícil conservação. (BANDECE/1973)

Dados da Associação de Empresas do Distrito Industrial de Fortaleza relativas à janeiro de 1992 evidenciam que o segmento têxtil detém o maior número de empresas no Distrito Industrial de Fortaleza, respondendo por mais de 30% dos empregos diretos do distrito.

Considerando a situação das empresas do Distrito Industrial por gênero, tem-se que as indústrias têxteis representam o segmento produtivo com expressivo número de empresas. Do total de 57 empresas em

funcionamento, 16 empresas estão ligadas a indústria têxtil, seguida da indústria de alimentos com 9 empresas.

Se incluirmos as empresas em implantação (26), 46% pertencem ao complexo industrial têxtil.

3.1 A problemática do algodão para a indústria têxtil cearense

Antes de iniciar essa discussão é conveniente apresentar alguns aspectos gerais sobre o complexo algodoeiro.

O complexo agroindustrial do algodão é composto por vários setores. O ramo agrícola com a produção do algodão com todas as suas subdivisões, pequenos produtores, produtores médios, parceiros, pecuaristas, etc. O ramo industrial com os setores de descarocamento, esmagamento do caroço, produção de óleo e torta, fiação, tecelagem e confecções. Em cada ramo deste, existe toda uma infra-estrutura de comercialização, financiamento, transporte, além dos órgãos governamentais. (ROLIN, 1990)

O setor agrário como foi exposto anteriormente, baseia-se no binômio gado-algodão, caracterizando-se por pequena produção e reduzida produtividade. O algodão é plantado consorciado com milho e feijão e os restos culturais servem de alimentação ao gado. Os descarocadores são os responsáveis pela primeira industrialização. Sua atividade consiste na separação do caroço da pluma e no seu enfardamento. O caroço vai para o setor produtor de óleo e torta, e a pluma para a indústria têxtil. O setor têxtil, que utiliza a pluma, engloba a fiação e tecelagem e nos encadeamentos seguintes o setor de confecções.

A desarticulação do complexo agroindustrial do algodão do Ceará precisa ser entendida no contexto mais abrangente, através das ações governamentais para o nordeste e fatores conjunturais.

Dentro do primeiro conjunto de fatores encontra-se a prática da ação planejada na região que optou por visualizar os espaços rurais e urbanos como espaços alternativos para a ação à medida que em alguns momentos privilegiou o urbano (mecanismo 34/18 - Finor) e em outros afirma ser o rural o "locus" preferencial para a superação da miséria e germinação do crescimento econômico (Projeto Nordeste). Esta constatação é compatível, por exemplo, com a existência de programas pontuais de irrigação e com o próprio Finor-Agropecuário." (ROLIN, 1990).

Percebe-se que não houve por parte dos planejadores, nem pelos empresários que tomavam decisões, nem pelos governos estaduais a preocupação com o desenvolvimento integrado das economias estaduais e regionais no sentido de internalizar nesses espaços os efeitos multiplicadores dos encadeamentos "para frente" e "para trás" das atividades econômicas. Um exemplo disto é a indústria têxtil, se a produção algodoeira foi desarticulada no Nordeste não interessa, desde que a matéria-prima consiga chegar à sua porta através de importações.

Na década de 70 a indústria têxtil brasileira passou por um processo de modernização, com a aquisição de equipamentos têxteis

tecnologicamente mais aperfeiçoados, como: máquinas para fiação, teares , acessórios para a produção de fibras têxteis. A partir desta década de 70, percebe-se o aumento de sua importância na economia brasileira, na medida que 4% da pauta de exportações brasileiras é deste setor. (BANDECE, 1973)

De acordo com a SUDENE (1990) no Nordeste os ramos de fiação e tecelagem foram os que mais se modernizaram aproveitando os incentivos do 34/18 Finor. Juntamente com os ramos química, metalurgia e produtos alimentares, constituíram o conjunto que mais concentrou recursos. Tomando-se como exemplo o período de janeiro de 1980, a junho de 1989, do total de 395 projetos, 11,4% eram do ramo têxtil abocanhando, 11,6% do valor dos investimentos e 16,9% dos recursos do FINOR.

A modernização da indústria têxtil nesse período, evidenciada pela perda relativa na produção e no emprego do setor têxtil no conjunto da indústria cearense. O valor da produção no total cearense, reduziu-se de 43,6% em 1960 para 23,6% em 1980 e a participação do pessoal ocupado caiu de 30,2% em 1960, para 12,8% em 1980, segundo dados do Censo Industrial.

Nota-se também seu dinamismo através do aumento na demanda por algodão em pluma que, em 1980 era 3,3% da demanda nacional e em 1988, já representava 8,7%. (ROLIN, 1990)

A modernização da indústria têxtil cearense e seu consequente dinamismo pode ser observada pelo aumento da participação de seus produtos na pauta de exportações cearenses. Acoplando-se a essa situação verifica-se que a produção de algodão no Estado vem declinando nas últimas décadas, o que contribui para a busca de novos mercados produtores. Mesmo sendo constatado este declínio através de dados, isto não se compõe em um entrave para a indústria têxtil cearense.

De acordo com dados do IRGE, a produção de algodão arbóreo em 1990 representou apenas 7,8% da alcançada em 1978 (TABELA I). A situação do herbáceo é instável. Por trás desse resultado estão fatores mais estruturais ligados a estrutura agrária do Estado, condições arcaicas de produção contribuindo para a baixa produtividade. Alia-se a isso a presença da praga do bicudo que na última década afetou sensivelmente a produção algodoeira cearense.

TABELA I

ESTADO DO CEARÁ

PRODUÇÃO EM TONELADAS DE ALGODÃO

PERÍODO: 1978 / 90

ANOS	ALGODÃO ARBÓREO	ALGODÃO HERBÁCEO
1978	237.600	27.720
1979	150.000	11.930
1980	131.250	18.530
1981	90.000	12.375
1982	140.766	57.609
1983	46.310	17.199
1984	103.556	18.426
1985	65.805	114.440
1986	30.478	68.357
1987	23.150	6.368
1988	41.161	90.646
1989	18.744	39.046
1990	18.799	17.164

Fonte: GCEA / CE, IBGE

3.2 Antecedentes históricos da indústria têxtil

A cultura do algodão se fortaleceu através de um conjunto de fatos internacionais, como a guerra de independência (1812-1814) e a guerra de Secessão (1860-1865) localizadas nos Estados Unidos da América, que contribuíram muito para a sua expansão. Com o fim desta última guerra, os Estados Unidos retornam ao mercado internacional, deixando o Ceará e o Maranhão em situação difícil. A saída para esta crise, foi realocar a produção do algodão que antes era voltado para o mercado externo, para o mercado interno. Isto possibilita ao Nordeste uma posição de destaque no cenário nacional da época como o grande centro têxtil do Brasil.

Alguns fatores contribuíram para a perda da sua posição privilegiada transferindo para o centro-sul a liderança do setor, por exemplo:

- O processo de substituições de importações implantado no Brasil a partir de 1930, que estimulou a transferência de capital do café para a atividade industrial. O ramo têxtil foi o que melhor se adequou ao processo, devido a existência de um razoável parque industrial, abundância de matéria-prima e, principalmente a tecnologia nele empregada ser menos complexa e de menor intensidade de capital, se comparada com outros ramos;

- O obsolescência dos equipamentos das empresas nordestinas em relação as do centro-sul, que gozavam de maiores facilidades de investir;

- O melhoramento das vias de transportes interestaduais, que facilitou a circulação nacional de mercadorias, reforçou o poder de competição dos produtos no Centro-Sul em relação á produção das outras regiões. Nesse mesmo sentido, contribuiu a quebra das "barreiras alfandegárias" entre os Estados." (SAMPAIO, FILHO, 1987)

Mesmo com todas essas dificuldades apontadas anteriormente, o Ceará ocupava uma situação favorável, pois era o primeiro Estado na produção do algodão no nordeste e o terceiro lugar na produção nacional. Isto permitiu o desenvolvimento da indústria têxtil cearense, que dispunha de matéria-prima abundante local.

Para um melhor entendimento, convém uma análise histórica desde o século XIX até o século XX. Tomando como referência o trabalho de ARAÇÃO (1989).

A primeira fábrica têxtil foi a fábrica Progresso fundada no Ceará em 1882, localizou-se em Fortaleza e inicialmente teve a denominação de "Fábrica de Fiação e Tecidos Cearenses". Começou a funcionar de forma efetiva em 1883.

Em 1881, foi assentada a primeira pedra fundamental da Fábrica de Fiação e Tecidos Cearenses. Nesse ano, Antônio Pompeu se incumbiu de ir a Inglaterra para importar as primeiras máquinas de fiação e tecelagem, bem como os primeiros mestres e operários especializados para trabalhar na empresa.

Em 1904, Tomaz Pompeu fundou sozinho a Fábrica de Tecidos Progresso, que contou inicialmente com uma pequena seção destinada à fabricação de meias. Em 1913, contando com novos equipamentos, iniciou a fabricação de tecidos de algodão, foi a primeira fábrica a utilizar os teares automáticos "Northrop" no Ceará, para a fabricação de tecidos crus.

A seguir, tem-se a Companhia Fabril Cearense de Meias que se instalou no Ceará em junho de 1891 e, embora seja uma fábrica de meias, seu objetivo específico conforme se lê nos registros da junta comercial se destinava a manufaturar fios, meias e mais tecidos.

Destacam-se ainda como pioneiros da indústria têxtil cearense a Fábrica Ceará Industrial (1894) e as fábricas Santa Thereza (1893) e a Companhia de fiação e tecidos Ernesto Deocleciano (1895), localizadas estas duas últimas no interior do Estado, respectivamente em Aracati e Sobral. A de Sobral produzia mesclas e brins para roupas masculinas. (ver TABELA II)

TABELA II
 ESTADO DO CEARA
 RELACAO DAS FABRICAS TEXTEIS
 1882 / 95

Nome da Fabrica	Razao Social Inicial	Data de Fundacao	Data de Reistro na Junta Comercial	Situacao das Fabricas em
Fabrica Progresso	Pompeu & Irmaos	1882	20 de Janeiro de 1883	Ativada
CIA Fabril Cearense de Meias	CIA Fabril Cearense de Meias	1891	23 de Junho de 1891	Desativada
Fabrica Ceara Industrial	De Holanda Gurjao e CIA	1894	Nada Consta	Desativada
Fabrica Santa Thereza	Popular Aracatyense	1893	5 de Junho de 1893	Ativada
Fabrica Sobral	Ernesto & Ribeiro	1895	9 de outubro de 1891	Ativada

Fonte: Industria Textil - Ceara - 1880 - 1950 - Historia Aragao, Elizabeth Fiuza

Se o surgimento da indústria têxtil cearense se realiza entre 1880 e 1900, pode se afirmar que o período que se inicia em 1900 e vai até 1932, marca a segunda fase desta indústria no Ceará. É o momento em que se instalam no Estado 09 (nove) fábricas de fiação e tecelagem, sendo 08 (oito) sediadas em Fortaleza e 01 (uma) sediada em Maranguape.

Nesta segunda fase os empresários puderam contar com vantagens abertas pelos pioneiros, entre as quais podemos citar: a formação de uma mão-de-obra efêmera, a abertura de mercados e o aproveitamento de uma infra-estrutura no que se refere ao suprimento de matéria-prima. (ARAGÃO, 1989)

Enquanto os investidores pioneiros foram motivados pelo excedente de algodão para instalar suas fábricas, a segunda geração de empresários é formada por comerciantes de algodão, donos de fábricas de beneficiamento deste produto. Assim sendo, a entrada no setor têxtil de fiação passa a ser uma consequência natural na evolução dos negócios destes empresários da segunda geração têxtil cearense.

A seguir tem-se a relação das principais fábricas dessa segunda fase (1904/32), conforme observada na tabela III.

- Fábrica Santa Eliza

Em 1904, Antônio Diogo de Siqueira, que já era investidor nos ramos de óleo, sabão, salinas e resíduos de gado, resolveu

aproveitar o algodão em pluma que apartava do algodão em caroço - fonte do óleo que adicionava na composição do sabão - para montar uma fábrica destinada à produção de fios de rede. (ARAGÃO, 1989)

- Fábrica Santo Antônio

Produzia basicamente tecidos grosseiros. Logo que foi incorporada dispunha de 200 operários, número que sofreu diminuição em 1925, passando para 90. Já nesta época detinha 30 teares e 638 fusos.

Tanto a fábrica Santo Antônio como a Santa Eliza fecharam suas portas na década de 50.

- Usina do Gurgel

Conhecida também como Usina Ceará, trata-se de uma fábrica de óleo de algodão e mamona, contudo sua inclusão no setor têxtil deve-se ao fato deste estabelecimento possuir uma seção de tecelagem e uma de fiação de cascame.

- Fiação São Luis

Destinada a manufatura de fios para redes.

- Fiação Santa Maria

Foi fundada em 1918. Destinava-se ao comércio de algodão e fios, sendo a atividade industrial como secundária.

- Fábrica Maranguape

Em 1911 os judeus franceses Gérson Gradwohl, Henry Gradwohl e Lazare Gradwohl, instalam no Ceará uma filial da firma Gradwohl e Fils cuja matriz se situava em Paris.

O objetivo da sociedade era a compra de algodão em caroço e seu beneficiamento na Usina da Companhia Industrial de Algodão em Sobral, e venda de algodão beneficiado.

Por volta de 1950, a fábrica é vendida e sua produção voltada para a sacaria de sal.

- Fábrica Baturité

A fábrica é instalada em Fortaleza em 1927 e consegue produzir o primeiro metro de algodãozinho em 1928. Especializa-se em tecidos grossos, vindo logo depois a confeccionar mesclas, riscados e lonas listradas.

- Fábrica de Tecidos São José

A fábrica inicialmente produzia artigos grossos, com a crise da indústria têxtil em 1929, diversificou para xadrezes, riscadinhos e brins. Para tal, as instalações foram reequipadas. Depois, por volta de 1937-1938 a Fábrica São José começou a fabricar redes e toalhas felpudas, e posteriormente adere a redes finas.

- Fábrica Santa Cecília

A Fábrica Santa Cecília foi instalada em Fortaleza com algumas máquinas velha da fábrica do Aracati em 1945. Novos equipamentos de origem inglesa e americana foram adquiridos posteriormente.

TABELA III

ESTADO DO CEARA

RELACAO DAS FABRICAS DAS FABRICAS TEXTEIS

1904 / 1932

Nome das Fabricas	Razao Social Inicial	Data de Fundacao	Data de Reistro na Junta Comercial	Situacao das Fabricas em 1984
Santa Eliza	A.D. Siqueira & Filhos	1904	06 de Julho de 1916	Desativada
Santo Antonio	A.D. Siqueira & Filhos	1904	06 de Julho de 1916	Desativada
Fabrica Santa Maria	Naoel Jose de Lima	1918	14 de setembro de 1918	Desativada
Fabrica Baturite	Jose Pinto do Carmo & Filhos Ltda	1927	—	Desativada
Fabrica Tecidos Sao Jose	Frota, Siqueira, Filomeno & CIA Ltda	1926	11 de Julho de 1926	Parcialmente
Fabrica Maranguape	Gradwohl & Fils	1931 (1942)	1931	Desativada
Fabrica Santa Cecilia	Cotonificio Leite Barbosa	1944	16 de Junho de 1941	Ativada
Usina Gurgel	A.D. Siqueira & Filhos	1924	—	Desativada
Fiacao Sao Luis	A.D. Siqueira & Filhos	1932	—	Desativada

Fonte: Industria textil - Ceara - 1880 - 1950 - historia. ARAGAÓ, Elizabeth Fiuza, 1989

No período que vai de 1930 até a década de 50 pode-se destacar momentos importantes da indústria têxtil, influenciada por fatores internos e externos.

STEIN chama a atenção para o fato de que a indústria têxtil brasileira estava totalmente voltada para a produção de tecidos grossos, atendendo desta forma, aos segmentos menos privilegiados da sociedade. Pode-se acrescentar também que ao lado dos tecidos grossos a indústria têxtil nacional direcionava-se ainda para a produção de sacarias. (ARAGÃO, 1989)

A crise traz graves prejuízos para a produção de matérias-primas agrícolas, acarretando impulsos negativos no mercado interno consumidor, já que o poder aquisitivo dos trabalhadores rurais e de suas famílias sofrem uma redução e na medida em que a diminuição das exportações produz uma queda na demanda por produtos para ensacamento, o que redundou na diminuição no crescimento da indústria têxtil no período de 1925-1938. (ARAGÃO, 1989)

Na tabela IV se observa a redução do dinamismo da indústria têxtil nacional comparando-se os períodos 1900/15 e 1925/38.

TABELA IV

BRASIL

DADOS COMPARATIVOS DE CRESCIMENTO DA INDUSTRIA TEXTIL NACIONAL

PERIODO: 1900 / 15 e 1925 / 38

DISCRIMINACAO	1900 / 15	1925 / 38
No. de fabricas	118 %	31,5 %
Producao	127 %	35,8 %
Operarios	110 %	17,1 %
Fusos	105 %	17,9 %
Teares	93 %	

Fonte: ARAGAO, Elizabeth Fiuza. Industria Textil - Ceara - 1880 - 1950 - historia. 1989

A crise de 1930 não provocou abalos fortes na economia cearense, devido a influências positivas oriundas de duas fontes: a primeira, a seca de 1932 com eventuais recursos da indústria da seca revitalizando a economia; e a segunda, decorrente do aparecimento de vários bancos pequenos e médios de proprietários de senhores vinculados ao setor importador e exportador (EX.: Banco dos Proprietários; Banco União; Banco de Crédito Comercial; e outros). (ARAGÃO, 1989)

Posteriormente, a Segunda Grande Guerra Mundial revitaliza a indústria têxtil algodoeira brasileira, abastecendo sobremaneira os países sul-americanos.

Assim, percebe-se uma fase de ascensão que contagia todas as indústrias têxteis instaladas no país - numa época em que havia uma escassez de tecidos e fios.

No Ceará, as firmas chegaram a trabalhar em regime de 03 (três) turnos, incluindo fins de semana e feriados. O reflexo disto pode ser mostrado através de dados, nas décadas onde se observa que entre 1940 e 1950, houve um aumento de 60% dos trabalhadores da indústria têxtil. (ARAGÃO, 1989)

A passagem da década de 40 para de 50 marca os movimentos decisivos para a indústria têxtil local. As fábricas que reinvestiram em modernização, troca de maquinária, diversificação de produtos,

conseguiram atravessar a década de 50 de maneira razoável. (ARAGÃO, 1989)

Outro ponto foi a entrada do mercado do sintético, que trouxe consigo dois problemas novos para a indústria têxtil local. O primeiro foi que o plástico passou a substituir o algodão na produção de sacos, para o sal e outras matérias primas exportáveis. O segundo problema foi a introdução de maiores demandas por fios sintéticos, exigindo equipamentos sofisticados, adaptações mecânicas, de que o Ceará não dispunha.

Até então, o crescimento da indústria têxtil no Estado se dá de forma espontânea, favorecida pela disponibilidade de matéria prima, sendo seu dinamismo muito acoplado à conjuntura internacional.

A partir do final da década de 50 com a criação da SUDENE, se estabelece uma nova perspectiva de política para o Nordeste através de uma ação planejada do Estado, e tendo na industrialização o suporte para o desenvolvimento da região.

Dessa forma, o Ceará beneficia-se com a política de industrialização regional que entre as suas diretrizes estabelece como uma das prioridades a modernização das indústrias tradicionais. E nesse contexto o segmento industrial têxtil é destaque.

Alia-se a isso a ação do governo do estado do Ceará que através da CODEC - Companhia de Desenvolvimento do Estado do Ceará,

viabilizava uma ação mais agressiva no encaminhamento dos projetos industriais à SUDENE, neutralizando de certa forma a pressão política dos estados da Bahia e Pernambuco pelos recursos dos incentivos fiscais. Posteriormente, tem-se com o III Pólo, um apoio bem mais efetivo a consolidação da indústria têxtil.

Na tabela V se observa a importância relativa da indústria têxtil do Estado em termos das liberações do FINOR no Nordeste.

Isto evidencia a modernização do parque têxtil cearense, principalmente na década de 1970 (tabela VI), onde se observa que 63% das indústrias têxteis cearenses se instalaram nesse período.

TABELA V

LIBERAÇÕES FINOR PARA A INDÚSTRIA TEXTIL DO ESTADO DO CEARÁ E REGIÃO NORDESTE

PERÍODO: 1970 / 88

CR\$ 1980,00

A N O S	CE	NE	CE / NE (%)
1970	11483,61	48282,75	23,78
1971	5260,34	52284,95	10,06
1972	10964,35	42727,20	25,66
1973	3221,54	25554,27	12,61
1974	5261,27	44640,31	11,79
1975	8557,60	90673,82	9,44
1976	4423,99	65903,74	6,71
1977	12458,95	60335,60	20,65
1978	13850,06	73998,90	18,72
1979	24973,38	111523,38	22,39
1980	14051,43	54654,71	25,71
1981	18509,00	64528,01	28,68
1982	23030,89	66450,30	34,66
1983	26512,15	58849,32	45,05
1984	20561,47	49164,44	41,82
1985	18652,48	41941,03	44,47
1986	61116,98	105849,04	57,74
1987	23854,50	52227,00	45,67
1988	25165,32	52476,73	47,96

Fonte: NINTER - SUDENE - RELATÓRIOS/FIN.

Nota: Valores a preços de mar/89

TABELA VI

DISTRIBUICAO DOS ESTABELECIMENTOS E DA PRODUCAO DA INDUSTRIA
TEXTIL NORDESTINA DE ACORDO COM O ANO DE INSTALACAO - 1980

ESTADOS	ATE' 1970		DE 1971-75		DE 1976-79		1980	
	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)
MARANHAO	58,33	93,09	16,67	2,76	25,00	4,15	0,00	0,00
PIAUI	42,86	27,77	21,43	9,09	35,71	63,20	0,00	0,00
CEARA	43,75	62,60	21,43	22,84	26,70	14,00	8,04	0,48
RIO GRANDE DO NORTE	34,24	32,87	19,18	3,86	31,51	48,97	15,07	5,10
PARAIBA	34,67	60,83	22,67	24,35	19,46	18,26	18,33	4,56
PERNAMBUCO	66,11	67,55	19,50	28,35	12,70	4,10	1,69	0,00
ALAGOAS	86,38	95,30	4,54	4,70	9,08	0,00	0,00	0,00
SERGIPE	78,96	74,78	5,26	7,06	7,84	18,63	7,89	7,57
BANIA	22,36	21,45	25,89	20,66	35,87	55,53	15,88	2,36

Fonte: SANTOS, Sandra Maria dos. A INDUSTRIA TEXTIL NO CONTEXTO DA INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO CEARENSE,
REN, V.10, N.2, 1987.

Notas: (a) Numero de estabelecimentos
(b) Valor da producao

3.3 A Importância da indústria têxtil para a economia cearense

Embora a indústria têxtil cearense tenha sofrido com a falta de matéria-prima básica, conforme se relatou em capítulo anterior, isto não constituiu obstáculo ao seu desenvolvimento.

Nas tabelas a seguir procurar-se-á evidenciar através de indicadores disponíveis, a situação da indústria têxtil cearense nas últimas décadas.

A importância da indústria têxtil na indústria de transformação a nível de valor da produção e pessoal ocupado pode ser visualizada na tabela VII e enfatizada nas tabelas VIII e IX, em que se verifica um aumento no número de estabelecimentos, pessoal ocupado e do valor da transformação industrial no período de 1970-1985.

Na tabela VII pode-se verificar que a indústria têxtil tem um peso significativo no total das indústrias tradicionais do Estado, representando em média 24,3% no período 1970/80. Isto reflete o resultado da política de incentivos da SUDENE, que privilegiou a modernização desse tipo de indústria, corroborando com esse resultado observa-se uma queda na participação relativa do pessoal ocupado nessa indústria.

No que se refere ao total da indústria cearense (tabela VIII), verifica-se um incremento no número de estabelecimentos, em 1970 3,93% do total das empresas eram têxteis, em 1985 este

percentual é de 5,80%. Por sua vez a participação do segmento têxtil no valor da transformação no período 1970/85, foi mais expressiva em 1975, decorrência da própria maturação dos investimentos e de uma fase de dinamismo da própria economia nacional. Na década de 80 essa menor participação reflete a fase mais recessiva da economia brasileira com reflexos prováveis para o Estado.

Verifica-se na tabela IX que em termos absolutos o número de estabelecimentos que em 1970 era de 159, passa em 1985 para 358. Percebe-se também um aumento considerável no pessoal ocupado, que em 1970 era de 5485, passando em 1985 para 13567. O que vem a enfatizar a importância do setor, já que tem-se um aumento no número de estabelecimentos de 125,2% e 147,3% no número de empregos no período acima analisado.

No tocante a distribuição desta indústria por tamanho de estabelecimentos, percebe-se uma participação muito acentuada das pequenas empresas no valor da produção têxtil do Estado, se comparada com as grandes empresas de acordo com os dados da tabela X. Em 1970, a pequena empresa participava com 55,09% e a grande empresa com 3,10% do total de estabelecimentos, já em 1980 tem-se um aumento das pequenas empresas (57,79%), esta característica apesar de não ser exclusiva do segmento têxtil,

evidencia relevância dessa atividade sob o ponto de vista da geração de emprego e descentralização industrial.

Notadamente após se verificar a importância para o Estado desta indústria, tem-se ainda a sua posição a nível de região Nordeste e a nível de Brasil, bem caracterizada na tabela XI, em que se enfatiza mais uma vez sua acentuada importância, que vem sendo elevada no decorrer deste período de 1970/80. Com o valor da produção em 1970 de 17,3%, passando em 1980 para 20%.

Por fim, seu dinamismo pode ser detectado pelo crescimento das exportações e pela participação desta indústria têxtil cearense com relação ao Nordeste, tem-se que esta participação em 1980 era de 25,84%, já em 1988 é de 45,79% (tabela XII). Outro ponto foi o aumento na pauta de exportações do Estado, com uma participação maior para os tecidos, que pode ser observado na tabela XIII. A exportação de fios têxteis que no período de 76/78 ocupava o oitavo lugar na pauta de exportações do Estado, tem aumentado sua participação relativa, como pode ser observada na tabela XIII, chegando a representar o segundo lugar das exportações cearenses em 1991.

TABELA VII

ESTADO DO CEARA

ESTRUTURA DA INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO

PERIODO: 1970 / 80

INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	VALOR DA PRODUCAO			PESSOAL OCUPADO TOTAL		
	1970	1975	1980	1970	1975	1980
TRADICIONAIS	65,5	69,1	65,0	69,0	71,2	67,7
Textil	22,8	26,4	23,6	16,4	14,6	12,8
Vestuario	3,3	6,0	9,8	7,4	11,9	15,5
Alimentos	32,9	28,5	24,1	31,2	31,4	27,9
Outros (a)	6,5	8,2	7,5	14,0	13,3	11,5
DINAMICAS A	32,7	27,2	29,0	28,1	24,0	26,4
Min.Nao-Met.	3,3	3,7	6,4	13,6	9,8	13,2
Metalurgica	5,4	5,3	7,1	6,4	6,8	7,0
Quimica	21,9	14,8	9,6	6,0	4,3	2,5
Outros (a)	2,1	3,4	5,9	2,1	3,1	3,7
DINAMICAS B(c)	1,8	3,7	6,0	2,9	4,8	5,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE

NOTAS:

(a) Madeira, Mobiliario; Couros e Peles; Fumo; Editorial e Grafica e diversos

(b) Papel e Papelao; Borracha; Produtos Farmaceuticos e Veterinarios;

Perfumaria, Saboes e Velas; Mat. Plasticos

(c) Mecanica; Material Eletrico e de Construcao; Transporte

TABELA VIII

ESTADO DO CEARA

PARTICIPACAO PERCENTUAL DA INDUSTRIA TEXTIL NA INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO

PERIODO: 1970 / 1985

A N O S	No. EST.	PESSOAL OCUPADO	U T I
1970	3,93 %	13,72 %	20,32 %
1975	4,87 %	13,18 %	23,23 %
1980	3,89 %	11,19 %	21,44 %
1985	5,80 %	12,24 %	22,65 %

Fonte: CENSOS INDUSTRIAIS / IBGE

TABELA IX

ESTADO DO CEARA

INDUSTRIA TEXTIL SEGUNDO No. DE ESTABELECIMENTO, PESSOAL OCUPADO

PERIODO: 1970 / 1985

A N O S	No. EST.	PESSOAL OCUPADO
1970	159	5485
1975	198	8593
1980	224	10840
1985	358	13567

Fonte: CENSOS INDUSTRIAIS / IBGE

TABELA X
 ESTADO DO CEARA
 ESTRUTURA DA INDUSTRIA TEXTIL POR TAMANHO
 DE ESTABELECIMENTO
 1970 / 80

TAMANHO DA EMPRESA	NUMERO DE ESTABELECIMENTOS			VALOR DA PRODUCAO			PESSOAL OCUPADO		
	1970	1975	1980	1970	1975	1980	1970	1975	1980
MICRO	39,53	32,04	39,28	18,49	6,62	6,43	5,77	3,91	4,67
PEQUENA	55,09	57,46	57,79	63,06	59,45	56,49	32,60	35,48	33,61
MEDIA	2,33	4,97	3,57	4,50	13,77	6,72	10,60	17,48	11,97
GRANDE	3,10	5,53	5,36	13,95	23,16	30,36	51,03	43,13	49,75
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Censo Industrial / IBGE

Nota: Micro - Menos de 10 pessoas ocupadas; Pequena - de 10 a 99 pessoas;
 Media - de 99 a 249 pessoas; Grande - Acima de 249 pessoas

TABELA XI

POSICAO DA INDUSTRIA TEXTIL CEARENSE NO NORDESTE E BRASIL

PERIODO: 1970 / 80

ANO	VALOR PRODUCAO		VALOR ADICIONADO		PESSOAL OCUPADO		SALARIOS	
	CE / NE	CE / BR	CE / NE	CE / BR	CE / NE	CE / BR	CE / NE	CE / BR
1970	25,00	2,28	20,20	1,61	14,29	1,60	12,31	0,90
1975	21,61	3,01	22,09	2,08	19,23	2,57	17,53	1,41
1980	20,19	2,94	22,31	3,05	19,55	2,87	16,18	1,68

Fonte: Censo Industrial / IBGE

TABELA XII

EXPORTACAO DE PRODUTOS TEXTeis NO ESTADO DO CEARA E NORDESTE

PERIODO: 1980 / 89

US\$ 1000,00

A N O S	CE	NE	CE / NE (%)
1980	7597	29401	25,84
1981	10239	40200	25,47
1982	13573	41305	32,86
1983	27187	65317	41,62
1984	31386	84171	37,29
1985	18831	58715	32,07
1986	12774	30847	41,41
1987	33494	69856	47,95
1988	38356	83772	45,79
1989	35030	138471	25,30

Fonte: CACEX

TABELA XIII

ESTADO DO CEARÁ

COLOCAÇÃO DOS PRODUTOS TEXTÉIS NA PAUTA DE EXPORTAÇÃO DO ESTADO

PERÍODO: 1972 / 90

A N O S	F I O S	T E C I D O S
1972	—	—
1973	—	—
1974	—	—
1975	—	—
1976	8.	—
1977	8.	7. (*)
1978	8.	9.
1979	3.	6.
1980	4.	9.
1981	4.	7.
1982	4.	5.
1983	3.	7.
1984	3.	5.
1985	3.	8.
1986	5.	9.
1987	3.	8.
1988	3.	8.
1989	2.	7.
1990	3.	7.
1991	2.	6.

Fonte: CACEX / BB

NOTA:

Essa colocação se refere apenas aos 10 primeiros colocados

CONCLUSÃO

No início deste trabalho foi encontrada uma dificuldade de ordem teórica não esperada, que foi a não existência de uma matriz insumo-produto para o estado. Contudo esta dificuldade não invalidou o conteúdo deste trabalho, já que pode-se identificar os complexos dentro de outro contexto, ou seja, os complexos industriais podem ser vistos como instrumentos de promoção da industrialização e de desenvolvimentos regional, desta forma tem-se para o estado do Ceará o III Pólo Industrial que entre os principais programas situa-se o da indústria têxtil.

Analisando os antecedentes históricos do processo de industrialização do Ceará, percebeu-se que no período de gestação da indústria têxtil o estado contava com vantagens naturais, ou seja, disponibilidade de matéria-prima e mão-de-obra. Já nas últimas décadas o algodão, matéria-prima fundamental para o setor, tornou-se escasso, devido uma série de fatores, como: baixa produtividade, estrutura produtiva precária e falta de incentivos para esta cultura. No entanto esta falta de disponibilidade de matéria-primas locais, não comprometeu o dinamismo desta indústria, que buscou alternativas em outros mercados.

Verificou-se que a partir da criação da SUDENE, foram implementados vários projetos de desenvolvimento no Nordeste. Mesmo com toda a atuação técnica da SUDENE, o estado do Ceará sofria pouco a sua

atuação, devido o poder de barganha de estados como Bahia e Pernambuco. Desta forma o governo do estado do Ceará criou a CODEC - Companhia de Desenvolvimento do Ceará, a fim de acelerar o processo de captação de projetos industriais para o Ceará.

A partir disto, o governo do estado se preocupou-se em diminuir desníveis regionais, assim surgiu o III Pólo Industrial do Nordeste. Sendo o pólo têxtil um dos que mais se destacaram entre os programas do III Pólo. Visto o estado já possuir tradição no setor e uma infra-estrutura já estabelecida.

Assim o setor têxtil cearense, vem superando as dificuldades encontradas no decorrer dos anos, diversificando sua produção e modernizando-se, constituindo-se em um dos maiores exportadores do estado. Podendo ser ainda mais enfatizado, com a análise da tabela XII apresentada anteriormente em que tem-se um aumento considerável nas exportações deste setor na década de 80, mesmo com todas as dificuldades encontradas no país de ordem estrutural e conjuntural.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - ARAGÃO, Elizabeth Fiuza. A trajetória da indústria têxtil no Ceará: O setor de fiação e tecelagem 1880-1950; Projeto história do Ceará: Política, indústria e trabalho. Edições Universidade Federal do Ceará/Stylus Comunicações, Fortaleza, 1989
- 2 - A Indústria Têxtil Algodoeira no Nordeste: Algumas considerações. Estudos diversos. CEPRO. Piauí, 1979
- 3 - BANDECE. Ceará Pólo Têxtil. Banco de Desenvolvimento do Ceará S.A. - Ceará - 1973
- 4 - BARBETTO, Alberto. PISTONESI, Hector. Complexos industriais, Industrialização e Desenvolvimento Regional. Revista Econômica do Nordeste, v.5, n.3, 1984
- 5 - CEARÁ. Federação das Indústrias do Estado do Ceará. Instituto Euvaldo Lodi. Avaliação da Política Industrial do Ceará. Fortaleza, 1983
- 6 - FILHO, Dorian Sampaio. A industrialização do Ceará: Empresários e Entidades. SENAI. Fortaleza, 1987

- 7 - HAGUENAUER, Lia. et alii. Os complexos industriais da economia brasileira. Texto para discussão n.º. 62. Dez / 1984
- 8 - PEREIRA, Edgard Antônio. Complexos Industriais: uma aplicação à economia brasileira. IN: Anais do XIII Encontro Nacional de Economia. ANPEC. Vitória. 1985
- 9 - PROCHNIK, Victor & LISBOA, Marcos de Barros. Uma Política industrial permanente para o complexo têxtil brasileiro. IN: Anais do XVII Encontro Nacional de Economia. ANPEC. Fortaleza. 1989
- 10 - ROCHA, Euripedes Ewbank. SOARES, Francisco de Assis. O pioneirismo do Ceará em industrialização. IN: Revista Econômica do Nordeste REN. v.20, n.3, 1989
- 11 - ROLIN, Cássio Frederico Camargo & CARLEIAL, Liana Maria da Frota. O Complexo agroindustrial do algodão no Ceará: Considerações iniciais sobre as aplicações decorrentes da sua desarticulação, 1990
- 12 - SANTOS, Sandra Maria Dos. SOARES, Fco. de Assis. A Indústria Têxtil no Contexto da Indústria de Transformação Cearense. REN, v.18, n.2, 1987
- 13 - SANTOS, Sandra Maria Dos. (COORD.). Indicadores de Desenvolvimento e Desigualdade. Instituto Equatorial de Cultura Contemporânea, Fortaleza, 1991